



AS NARRATIVAS DE FILIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A ausência que seremos: filiação e violência na narrativa de Héctor Abad Faciolince

The Absence We Shall Be: *Affiliation Narrative and Violence in the Work of Héctor Abad Faciolince*

La Ausencia que seremos: *filiación y violencia en la narrativa de Héctor Abad Faciolince*

Dayan Ariadna Guzmán Bejarano¹

orcid.org/0000-0002-1640-0696
ariadna.guzmanb@gmail.com

Yuri Andrei Batista

Santos²

orcid.org/0000-0002-3805-0586
batista.yuriandrei@gmail.com

Recebido em: 19 abr. 2025

Aprovado em: 23 ago. 2025.

Publicado em: 02 dez. 2025.

Resumo: Este artigo analisa o romance *A ausência que seremos*, do autor colombiano Héctor Abad Faciolince, como uma narrativa de filiação, categoria proposta por Dominique Viart e Bruno Vercier (2008) para designar narrativas autobiográficas marcadas pela reconstrução da memória, da herança e do trauma a partir de figuras parentais. A partir de um enfoque teórico-metodológico que se interessa pelos estudos sobre as escritas de si (Santos, 2020), o artigo discute como a obra de Abad Faciolince elabora, pela mediação do pai assassinado, uma memória coletiva da violência política na Colômbia. Busca-se, assim, compreender como a narrativa de filiação opera como dispositivo de resistência, de filiação afetiva e de denúncia, oferecendo um contrapeso à narrativa dos algozes. Ao articular o pessoal e o coletivo, a obra contribui para refletir sobre o rosto das vítimas e os modos de transmissão da memória traumática no contexto latino-americano contemporâneo. Além disso, a análise propõe uma leitura crítica da relação entre herança intergeracional e apagamento, destacando o papel da literatura como espaço de elaboração simbólica do luto e da injustiça histórica.

Palavras-chave: narrativa de filiação; escritas de si; violência política; memória e trauma; literatura colombiana.

Abstract: This article examines the novel *El olvido que seremos* by Héctor Abad Faciolince, a Colombian author, as a filial narrative, a category defined by Dominique Viart and Bruno Vercier (2008) to describe autobiographical texts centered on memory reconstruction, inherited trauma, and parental figures. Using a theoretical and methodological framework that revolves around life writing studies (Santos, 2020), the article explores how Abad Faciolince's work articulates, through the figure of his assassinated father, a collective memory of political violence in Colombia. It analyzes how filial narrative operates as a means of resistance, affective transmission, and denunciation, offering a counter-narrative to stories told by perpetrators. By blending personal and collective dimensions, the novel invites reflection on the face of victims and on the intergenerational transmission of traumatic memory in the Latin American context. Furthermore, the analysis highlights the interplay between legacy and erasure, stressing the literary act as a space for symbolic reparation and historical awareness.

Keywords: affiliation narrative; life writing; political violence; memory and trauma; Colombian literature.

Resumen: Este artículo analiza la novela *El olvido que seremos*, del autor colombiano Héctor Abad Faciolince, como una narrativa de filiación, categoría propuesta por Dominique Viart y Bruno Vercier (2008) para designar narrativas autobiográficas marcadas por la reconstrucción de la memoria, la herencia y el trauma a partir de las figuras parentales. A partir de un enfoque teórico-metodológico que se interesa en los estudios sobre la escritura del yo (Santos 2020), el artículo analiza cómo la obra de Abad Faciolince elabora, a través de la mediación de su padre



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidad Libre, Facultad de Ciencias de la Educación, Bogotá, D.C. Colômbia; Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil.

² Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil.

asesinado, uma memória coletiva de la violencia política en Colombia. El objetivo es comprender cómo la narrativa de afiliación opera como dispositivo de resistencia, afiliación afectiva y denuncia, ofreciendo un contrapeso a la narrativa de los verdugos. Al articular lo personal y lo colectivo, la obra contribuye a reflexionar sobre los rostros de las víctimas y las formas en las que se transmite la memoria traumática en el contexto latinoamericano contemporáneo. Además, el análisis propone una lectura crítica de la relación entre herencia intergeneracional y borrado, destacando el papel de la literatura como espacio para la elaboración simbólica del duelo y la injusticia histórica.

Palabras clave: narrativa de filiación; escritos del yo; violencia política; memoria y trauma; literatura colombiana.

Considerações iniciais

A literatura colombiana dos anos 1990 e início do século XXI experimentou o surgimento de um tipo de romance que veio fazer parte da literatura sobre a violência no país. Para Héctor Abad Faciolince (2011), a literatura da violência na Colômbia tem sido alimentada por obras escritas por paramilitares, ex-guerrilheiros, mafiosos, nas quais eram justificados crimes e atuações violentas.

Assim como expressado pelo autor em uma entrevista com a Radio Nederland Wereldomroep – RNW em 2011, o livro *A ausência que seremos* (Abad Faciolince, 2011) é escrito para contrabalançar a visibilidade dada à literatura dos assassinos e ao fato de que a história do país vinha sendo escrita por eles. O escritor afirma que considerou importante que a história fosse assim contada: “quem tinha estado do outro lado, os que tínhamos recebido as balas ou as ameaças, ou os que tinha recebido, pelo menos, a dor terrível de perder alguém” (RNW, 2011)², que era o caso dele e da sua família. Além disso, segundo o autor, dentro da literatura da violência, tinha começado a emergir uma literatura dos assassinos de aluguel, chamada por ele de “*la sicarezza antioqueña*”³, que se tornou uma moda.

A proposta de Abad Faciolince de narrar a vida e a morte de seu pai insere-se em um movimento

contemporâneo das escritas de si que Dominique Viart (2011) conceituou como “narrativa de filiação”. Trata-se de uma modalidade autobiográfica que não se limita à reconstrução da trajetória individual do narrador, mas que se estrutura a partir da evocação de legados transgeracionais como forma de compreensão de si e de uma herança problemática. Para Viart, o relato do outro constitui um desvio necessário para se alcançar o autorretrato: narrar o pai é, nesse sentido, narrar a si mesmo. *A ausência que seremos* apresenta elementos que, em nosso ponto de vista, indiciam esse gesto narrativo: ao rememorar a figura paterna, Abad Faciolince constrói uma memória afetiva e política que ultrapassa a experiência pessoal para tocar em feridas coletivas da sociedade colombiana. Através da evocação amorosa do pai – médico, humanista e defensor dos direitos humanos, assassinado por sua atuação política –, o autor reconstrói uma genealogia emocional e ética que, ao mesmo tempo, serve como denúncia e como gesto de resistência diante do apagamento da memória e da voz das vítimas.

A partir dessa contextualização, é formulada a seguinte pergunta de pesquisa: como *A ausência que seremos*, de Héctor Abad Faciolince, mobiliza os elementos centrais da narrativa de filiação para articular memória pessoal, herança traumática e denúncia coletiva? Por isso, o objetivo deste artigo é analisar as características da narrativa de filiação contemporânea presentes na obra no marco de um paradigma teórico-metodológico específico. Trata-se do estudo dessa obra da literatura colombiana a partir de uma interface na qual são consideradas as características da narrativa de filiação propostas por Dominique Viart (2011).

Esta análise é relevante para a compreensão e a problematização do funcionamento desse tipo de escrita literária de filhos de vítimas ou filhos geracionais das pessoas vitimadas pela

² Todas as traduções foram feitas pelos autores deste trabalho. No original: “*Me di cuenta de que otra versión de los hechos tenía que contarse, mi propia historia. Y que la historia de mi país no la podía estar escribiendo los matones, sino que también teníamos que escribirla los que habíamos estado del otro lado, los que habíamos o recibido las balas o las amenazas, o los que habíamos recibido, por lo menos, el dolor terrible de perder a alguien*” (Minuto 7’10’, RNW, 2011).

³ Expressão usada por Héctor Abad Faciolince para designar um subgênero narrativo centrado na figura do sicário (assassino de aluguel), típico da região de Antioquia nas décadas de 1980 e 1990.

violência e também para dar visibilidade a essas produções, considerando que o contexto colombiano político, econômico e social na primeira década do século XXI tem se caracterizado por um conflito armado interno desde a década dos anos sessenta até a atualidade.

Este artigo conta com as seguintes seções: "Narrativa de filiação contemporânea: fundamentos e perspectivas", que oferece um marco teórico-metodológico para a análise; 2. "A ausência que seremos em contexto"; "A literatura da violência na Colômbia"; "A análise da narrativa de filiação contemporânea em *A ausência que seremos*"; "Considerações finais".

1 Narrativa de filiação contemporânea: fundamentos e perspectivas

O conceito de "filiação" na narrativa encontra ecos em diferentes tradições teóricas. Michel Foucault, em *A arqueologia do saber* (1979), introduz a noção de "filiação discursiva" como uma forma de compreender os vínculos entre os saberes e as tradições discursivas que os antecedem. Essa perspectiva permite analisar como os conhecimentos são produzidos, retomados e modificados por meio de heranças discursivas historicamente situadas. Já Pierre Bourdieu, ao lado de Jean-Claude Passeron, ao propor o conceito de "herança cultural" (1977), enfatiza os mecanismos simbólicos e sociais de transmissão de saberes e poderes, apontando a filiação como forma estruturante da reprodução cultural e ideológica. Nessas abordagens, a filiação é entendida como um elo entre indivíduo, coletividade e tradição – elo que legitima uma identidade, um saber ou uma posição em uma continuidade histórica.

Dentre os desdobramentos contemporâneos da narrativa de filiação, é essencial considerar as articulações entre memória coletiva, transmissão intergeracional e pós-memória. Segundo apontam autores como Regine Robin (2016), muitas dessas narrativas não apenas retomam a herança familiar, mas também elaboram o trauma herdado a partir de uma posição filial que busca,

por meio da escritura, operar uma restituição simbólica. O caso de Maus, de Art Spiegelman, é paradigmático:

A história do pai em Auschwitz e a do filho incapaz de continuar seu livro se entrecruzam constantemente. Sua depressão está ligada aos acontecimentos que têm experimentado, vivido, e também àqueles que ele não viveu, em Auschwitz, a partir da experiência indizível de seus pais. Na realidade, a máscara (em todas as sessões de análise Art usa uma máscara) vai levá-lo a compreender, graças à narração que ele empreende, que a relação que mantém com o Holocausto não é a sua (daí a máscara), mas, sim, a de seu pai e, que por isso, ele precisa encontrar seu próprio modo de conexão com o Holocausto, sua própria história, sua própria narrativa.[...] Art, o filho de um sobrevivente, que herdou sua culpa de sobrevivente, que herdou o trauma do pai, tem, contudo, uma outra história (Robin, 2016, p. 319-320).

Como observa Robin, a história do pai no campo de concentração e a do filho que tenta narrá-la se entrelaçam num processo em que o narrador compreende que a memória herdada não é sua, mas o afeta profundamente. O trauma transmitido se converte, assim, em matéria de elaboração própria – o que motiva no autor a produção de uma forma de narrativa singular, capaz de nomear aquilo que, no início, era da ordem do indizível.

É nesse contexto que Dominique Viart (2011) propõe o conceito de "narrativa de filiação" para descrever uma modalidade das escritas de si que, a partir da década de 1980, ganha centralidade nas literaturas contemporâneas. Esse tipo de narrativa surge como resposta a um contexto de fragmentação identitária e desconexão entre passado e presente, propondo a reconstrução de laços com figuras do passado, sobretudo os pais, como forma de compreender-se e reconstituir a própria história. Para o pesquisador, é

[...] notável que um número de escritores, certos deles sem qualquer vínculo pessoal ou familiar com o genocídio, se achem exigidos a se confrontar a ele, ao ponto de uma revista recentemente poder falar de uma 'geração' definida por esse fenômeno. Eu vejo aí o sinal literário de um atendimento, pelo conjunto do corpo social, a um acontecimento cuja significação excede as experiências particulares – e que não se resolve pelo 'dever de memória'.

Mas como se apropriar disso sobre o qual pesa um tal interdito? (Viart, 2011, p. 26)⁴.

Essas narrativas são, assim, marcadas por uma tentativa de tributar algo a alguém – aos ascendentes diretos, à memória familiar, ou à história coletiva – e pela consequente reelaboração do passado por meio do testemunho, das memórias familiares e de arquivos coletivos, criando-se um elo com aquilo que foi “perdido”. No entanto, como adverte Robin (2016), a história do ascendente não é necessariamente a do herdeiro: a escuta, o distanciamento e a reconfiguração são partes essenciais do processo narrativo.

Dessa forma, é perceptível o papel ético que a literatura assume na contemporaneidade, sobretudo esse tipo de literatura reiterado por Viart que se singulariza por combinar a ficcionalização do vivido em favor de uma função figurante, “[...] necessariamente subjetiva, e assumida como tal. Ela não compõe personagens, não constrói histórias. Ela ensaia figuras [...]” (Viart, 2011, p. 28)⁵.

A inscrição feita pelo detentor do legado é marcada pela dissolução das fronteiras outrora consideradas estáveis entre público x privado, individual x coletivo, podendo ser feito por sujeitos que não ocupam necessariamente o lugar de fala do sobrevivente e tampouco o daquele que se filia ao testemunho indiretamente pelo laço familiar.

Trata-se de uma filiação que se faz possível do ponto de vista do sujeito que escolhe se comprometer e se filiar à herança traumática pela dimensão coletiva da memória e do trauma histórico. Projeta-se sobre temas marcados de interdição, diferentes usos e apropriações, que servem a um dever de memória e ao exame coletivo de consciência, mas que podem também favorecer o esvaziamento e a espetacularização de acontecimentos.

Para Dominique Viart (2011), a narrativa de filiação apresenta elementos recorrentes que per-

mitem identificá-la como uma forma específica das escritas de si na contemporaneidade. Esses elementos podem ser organizados em quatro eixos principais: a reconstrução da memória, a busca por identidade, o uso de documentos e testemunhos, a presença do trauma coletivo. Cada eixo responde a uma necessidade de (re) conhecimento, tanto individual quanto coletivo: a memória é convocada para resgatar histórias familiares apagadas ou esquecidas; a identidade é reconstruída por meio do vínculo transgeracional; os documentos e testemunhos – como cartas, diários, fotografias e relatos orais – funcionam como arquivos afetivos e provas da experiência vivida; o trauma histórico, oriundo de contextos de violência política, guerras ou genocídios, emerge como herança individual e coletiva.

Com base nesse quadro teórico, a análise da obra *A ausência que seremos* será orientada por um conjunto de categorias que derivam e expandem esses eixos teóricos. São elas: a questão da herança – entendida como vínculo intergeracional e transmissão de valores, afetos e traumas; a elaboração do trauma – individual e coletivo; a narrativa do outro – como forma de deslocamento autobiográfico e espelhamento do eu; a articulação entre o gênero do romance e o texto autobiográfico – que evidencia a hibridização das formas narrativas; a linearidade cronológica – ou a escolha por uma ordenação dos fatos que estrutura a memória; o estilo de linguagem escolhido para relatar os acontecimentos – como marca da mediação discursiva e da inscrição cultural do narrador.

Passaremos agora às discussões e análises das marcas da narrativa de filiação na obra *A ausência que seremos*, de Héctor Abad Faciolince. Em primeiro momento, daremos evidência a informações que compreendem o contexto extraverbal em que se situam tanto a produção da obra como os fatos nela relatados.

⁴ No original “[...] il est frappant que nombre d'écrivains, dont certains n'ont aucun lien personnel ni familial avec le génocide, se trouvent requis de s'y confronter, au point qu'un magazine a pu récemment parler d'une 'génération' définie par ce phénomène. J'y vois le signe littéraire d'une prise en charge, par l'ensemble du corps social, d'un événement dont la signification excède les expériences particulières – et qui ne se résout pas au 'devoir de mémoire'. Mais comment s'approprier ce sur quoi pèse un tel interdit?”

⁵ No original: “La fiction acquiert alors le statut d'une fonction figurante, nécessairement subjective, et assumée comme telle. Elle ne compose pas de personnages, ne construit pas d'histoires. Elle tente des figures [...]”.

2 A ausência que seremos em contexto

A obra *A ausência que seremos*, de Héctor Abad Faciolince, conserva o gênero do romance, mas apresenta uma forte presença do texto autobiográfico. Nela, o autor relata episódios da história familiar e pessoal para mostrar o tipo de amor, admiração e respeito que sentia por seu pai, o médico Héctor Abad Gómez. A obra reúne situações, anedotas e lembranças que cobrem desde a infância até a idade adulta do escritor, servindo para reconstruir o retrato do pai por meio do olhar do filho. Abad Faciolince também resgata experiências da infância de seu pai, em particular o relacionamento com o avô, Antonio Abad, marcado por tratos distantes, rudes, machistas, com poucas manifestações de carinho, costumes camponeses, surras e ameaças religiosas. Além disso, é possível observar o papel da mulher desenvolvido entre a submissão, a religiosidade e os costumes conservadores da época, característicos da região de Antioquia, na Colômbia.

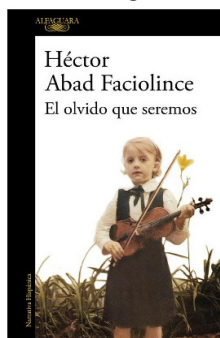
Héctor Abad Gómez nasceu em 2 de dezembro de 1921, em Jericó (Antioquia, Colômbia), e foi assassinado por ferimento de arma de fogo em 25 de agosto de 1987, aos 65 anos, na cidade de Medellín. Era filho de Antonio Jesús Abad Mesa e Eva Gómez. Casou-se com Cecilia Faciolince García, teve cinco filhas e um filho. Médico sanitário, professor universitário, escritor, jornalista,

ativista político e defensor dos direitos humanos, Abad Gómez militava no Partido Liberal Colombiano, pelo qual chegou a se apresentar como pré-candidato à prefeitura de Medellín.

Foi assassinado por grupos paramilitares, acusado de simpatizar ideologicamente com o *Ejército Popular de Liberación*. Seu nome constava em uma lista de pessoas marcadas pelo *Ejército Nacional* como integrantes ou simpatizantes de grupos subversivos, conhecida como "lista de sentenciados pelas Forças Militares". Essa lista foi encontrada no bolso do casaco de Abad Gómez no momento de sua morte, e incluía nomes de figuras da política, das Forças Armadas e do meio artístico (cantores, atrizes e dramaturgos).

A obra sobre a vida e morte do médico Abad Gómez foi escrita por seu único filho, Héctor Abad Faciolince, e publicada em 2006⁶, quase vinte anos após o assassinato do pai. O título do livro foi retirado do primeiro verso de um soneto atribuído a Jorge Luis Borges, intitulado "*Aquí, hoy*", que diz "já somos a ausência que seremos". Esse verso foi encontrado em um dos bolsos do pai após sua morte⁷, junto com a lista de sentenciados. A capa da edição original, em espanhol, mostra uma criança com um violino: trata-se de Marta, a quarta das cinco irmãs do autor, que morreu de melanoma (câncer de pele). Sua morte foi devastadora para a família e teve repercussão decisiva na militância social do pai.

Imagem 1 – Capa da edição original de *El olvido que seremos*



Fonte: Editorial Alfaguara.

⁶ O livro foi transformado em filme com o mesmo nome, em 2019, sob a direção de Fernando Trueba e do produtor Dago García. O filme ganhou cinco Platinum Awards em 2021, três Macondo Awards, foi incluído na seleção oficial do Festival de Cannes 2020 (França), ganhou o prêmio de melhor filme no Festival Cine Horizontes de Marselha (França), foi premiado com o Prêmio Goya (Espanha) na categoria de melhor filme ibero-americano em 2021.

⁷ No livro *Traiciones de la memoria* (2010), no primeiro relato, intitulado "Un poema en el bolsillo", Héctor Abad Faciolince detalha uma anedota relacionada com o poema do título da obra.

A dedicatória do livro menciona os amigos e colegas de Abad Gómez, Alberto Aguirre e Carlos Gaviria, como sobreviventes de um tempo de perseguição política. Em seguida, aparece uma epígrafe do poeta Yehuda Amichai: "e por amor à memória trago no rosto o rosto de meu pai".

Embora tenha sido publicado em 2011 no Brasil, o livro foi escrito cerca de duas décadas após a morte do pai, ocorrida em 1987, quando Abad Faciolince tinha 29 anos. Ele o concluiu aos 48 anos, em um momento de sua vida em que os cabelos já estavam brancos, como conta no penúltimo capítulo, ambientado na fazenda La Inés, no Departamento de Antioquia. A obra se organiza em catorze seções, entre elas: "Um menino pela mão do pai", "A morte de Marta", "Dois enterros", "O exílio dos amigos" e "A ausência".

Do ponto de vista linguístico-discursivo, destaca-se a análise do título da obra, tanto na versão original em espanhol (*El olvido que seremos*) quanto na tradução para o português (*A ausência que seremos*). A palavra *olvido* deriva do verbo "olvidar", que significa "esquecer", mas carrega nuances que vão da perda involuntária da memória à negligência ou ao abandono afetivo. Já a palavra "ausência", escolhida na tradução portuguesa, provém do latim *absentia*, denotando o afastamento físico ou simbólico, voluntário ou forçado, de pessoas ou coisas.

Ambas as escolhas apontam para perspectivas distintas, mas complementares, do mesmo fenômeno abordado por Abad Faciolince. Enquanto *olvido* sublinha a perda subjetiva vivida por quem esquece, "ausência" realça o deslocamento ou o apagamento provocado por um agente externo ou por processos históricos. A escolha do título traduzido pode ser lida como uma aposta na dimensão coletiva da perda, enfatizada pelo uso do verbo "seremos", conjugado na primeira pessoa do plural, que convoca um "nós" e aponta para uma condição compartilhada e futura. Trata-se de uma reflexão intergeracional e filosófica sobre a efemeridade da vida e os apagamentos simbólicos que atravessam tanto as trajetórias individuais quanto a história social.

Assim, a obra se insere numa tradição de

narrativas de filiação que buscam elaborar o trauma e a perda por meio da memória afetiva e do testemunho. A frase que dá título ao livro, "já somos a ausência que seremos", expressa, em tom lapidar, a condição transiente da existência humana e o imperativo de narrar para que a ausência não se converta em esquecimento. A filiação narrada por Abad Faciolince é, portanto, também uma forma de resistência à dissolução da memória.

3 A literatura da violência na Colômbia

A literatura da violência é referenciada, na Colômbia, como "os romances da violência", denominação que corresponde a um conjunto de textos produzidos entre 1949 e 1967. Segundo Escobar (1997, p. 142), foram produzidas setenta obras de diversa qualidade nesse período. O autor apresenta duas subclassificações para esse tipo de literatura: literatura da violência e literatura sobre a violência. A primeira se identifica pelo predomínio dos depoimentos e da anedota sobre o fato estético, com menor preocupação acerca de critérios estilísticos, da estrutura narrativa ou da criação das personagens, caracterizando-se por priorizar a intenção de denúncia. Já a literatura sobre a violência, segundo Escobar, caracteriza-se pela distância e a mirada crítica sobre o tema que se conjuga com o cuidado estético refletido no ritmo interno do relato e nas estruturas sintático-gramaticais e narrativas escolhidas. No caso da obra *A ausência que seremos*, Puerta-Molina (2022) afirma que ela consegue uma mistura entre os acontecimentos e a forma que permite identificá-la como um romance sobre a violência. Além disso, o pesquisador acrescenta que "outra grande virtude da *Ausência que seremos* tem a ver com a possibilidade de transmitir a dor e lograr a identificação dos leitores, quem se tornam participantes [...]" (Puerta-Molina, 2022, p. 285).

A literatura da violência na Colômbia tem sido estudada por diversos teóricos e críticos, especialmente porque o conflito armado no país é um fenômeno persistente. Os trabalhos desses autores abordam a relação entre história, identidade e memória. Gonzalo Sánchez e Donny

Meertens (1983) estabelecem vínculos entre as estruturas sociais, as econômicas e a violência no país. Isso dialoga com a noção de "narrativa de filiação" em Bourdieu, que trata da relação entre herança social, cultural e histórica, evidenciando como essas dimensões continuam a reproduzir as formas de transmissão do conhecimento e do poder entre gerações.

Na obra de William Ospina (1994), estabelecem-se conexões entre identidade, modernidade e conflito, refletindo-se sobre o modo como a violência histórica impactou a literatura colombiana, configurando-a como uma forma de resposta. Sob a ótica de Dominique Viart (Viart; Vercier, 2008), pode-se afirmar que a chamada "literatura colombiana da violência" busca justamente elaborar esse passado traumático e violento.

Sob uma perspectiva discursiva, Santiago Castro-Gómez (2005) analisa os discursos filosóficos e coloniais na Colômbia e sua relação com a literatura, formulando uma crítica contundente àqueles que justificam a violência como meio de progresso. A autora Luz Mary Giraldo (2018), por sua vez, tem estudado as diversas maneiras pelas quais os escritores colombianos abordam a temática do conflito armado, com especial atenção à tríade memória, trauma e resistência. Por fim, Felipe Martínez-Pinzón e Javier Uriarte (2016) ampliam os horizontes do estudo do conflito ao explorar novas perspectivas sobre a representação da violência na literatura latino-americana, enfatizando a importância do território nas narrativas sobre o conflito armado colombiano.

Héctor Abad Faciolince menciona, em entrevista à RNW (2011), que, entre a morte do pai e a publicação do livro, a Colômbia era um país com altos índices de violência, em que a violência política desempenhava um papel central, envolvendo partidos políticos, grupos armados e redes de narcotráfico, resultando em vítimas e perdas humanas irreparáveis. Na entrevista, o autor denuncia a cegueira dos dois principais partidos – o da direita e o da esquerda –, que identificavam com facilidade a violência praticada pelo adversário, mas eram incapazes de reconhecer a violência presente em seus próprios

atos (Abad Faciolince, 2011).

O evento principal da obra corresponde ao assassinato do pai, Héctor Abad Gómez, ocorrido em 25 de agosto de 1987, na cidade de Medellín, nas imediações do escritório de direitos humanos que ele mantinha no primeiro andar do prédio onde também funcionava o escritório de sua esposa, ligado à administração de propriedades. Naquele dia, Abad Gómez carregava no bolso do casaco dois papéis: uma lista com nomes de vinte pessoas ameaçadas de morte por serem supostamente comunistas e um soneto manuscrito, de própria autoria, com as iniciais JLB no final – posteriormente atribuído a Jorge Luis Borges. Esse soneto foi gravado na lápide de seu túmulo.

Na obra, Abad Faciolince descreve o cenário social assim:

O mais nocivo para a saúde dos humanos, aqui, não era a fome, nem as diarreias, nem a malária, nem os vírus e as bactérias, nem o câncer, nem as doenças respiratórias e cardiovasculares. O pior agente nocivo, que mais mortes causava entre os cidadãos do país, eram os outros seres humanos. E essa epidemia, em meados dos anos 1980, tinha o rosto típico da violência política. O Estado, mais exatamente o Exército, auxiliado por esquadrões de assassinos civis, os paramilitares, com o apoio dos órgãos de segurança e às vezes também a polícia, estavam exterminando os opositores políticos de esquerda, para "salvar o país da ameaça do comunismo", como eles diziam (Abad Faciolince, 2011, p. 237).

O autor afirma que decidiu escrever o livro em um período em que começaram a ser publicados livros escritos por paramilitares (desmobilizados ou não), ex-guerrilheiros e narcotraficantes, nos quais esses narradores relatavam e justificavam suas ações, seus delitos e crimes, muitas vezes fazendo acusações falsas contra pessoas com ideologias de esquerda, algumas das quais haviam sido assassinadas por eles. Diante disso, Abad Faciolince percebeu que outra versão dos fatos precisava ser contada – a sua própria história e a de seu pai.

Além disso, segundo o autor, dentro da chamada literatura da violência, começava a emergir uma vertente específica centrada na figura dos assassinos de aluguel, que ele denominou "*la sicarezza antioqueña*", e que se tornaria uma

tendência editorial. Essa literatura passou a se concentrar nas histórias e aventuras dos sicários – um fenômeno social crescente na década de 1980 na Colômbia – que se configurou como uma forma de trabalho contratada por narcotraficantes, forças políticas, cidadãos comuns, entre outros, com o objetivo de eliminar jornalistas, políticos ou ativistas sociais percebidos como ameaça a interesses específicos (de partidos, guerrilhas, paramilitares, Estado ou redes urbanas). Trata-se de um subgênero literário que surgiu no contexto da violência urbana e do narcotráfico, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, e que se dedica à representação da figura do sicário, refletindo o impacto do crime organizado e da cultura da violência em cidades como Bogotá, Medellín e Cali.

Entre os autores colombianos reconhecidos por produzir esse tipo de literatura estão Alonso Salazar Jaramillo, Mario Bahamón Dussán, Jorge Franco, Oscar Collazos e Arturo Alape, entre outros (Rengifo, 2008). Autores como Fernando Vallejo e Víctor Gaviria também figuram entre os principais nomes associados a essa produção. Segundo Blair (2005), trata-se de uma literatura caracterizada pela marginalidade, pela diátribe e pelo uso de uma linguagem popular conhecida como *parlache*. Sobre essa vertente, Abad Faciolince observa que, por vezes, tais narrativas acabam despertando simpatia e empatia pelos assassinos ao tentar explicar as razões de seus comportamentos e suas escolhas. Trata-se, portanto, de um campo literário controverso, já que, enquanto alguns o interpretam como uma forma de denúncia social, outros o veem como uma apologia à violência.

A análise da literatura da violência na Colômbia revela um campo marcado por perspectivas narrativas distintas, nas quais se entrecruzam memória, identidade, política e representação. Nesse cenário, a obra *A ausência que seremos*, de Héctor Abad Faciolince, assume um papel singular: não apenas contraria a hegemonia de discursos legitimadores da violência vindos de

perpetradores, como também propõe uma forma de resistência ética e afetiva, fundada na reconstrução da memória familiar e coletiva.

4 A análise da narrativa de filiação contemporânea em *A ausência que seremos*

A continuação apresenta-se uma discussão sobre os traços da narrativa de filiação propostos por Viart e Vercier (2008) que podem ser identificados na obra *A ausência que seremos* em termos das categorias: a questão da herança, o assunto do trauma, a narrativa do outro, a integração entre o gênero do romance e o texto autobiográfico, a linearidade cronológica e a língua usada para relatar os fatos.

4.1 A questão da herança

Os primeiros seis capítulos da obra, que compõem a primeira seção, intitulada "Um menino pela mão do pai", são dedicados à descrição da relação entre pai e filho no ambiente familiar, nos primeiros anos de vida, antes da entrada na escola, incluindo experiências marcadas pela infância em contextos domésticos e educacionais.

A questão da herança é perceptível desde os primeiros vínculos afetivos e simbólicos entre pai e filho, sendo o nome o ponto de partida dessa transmissão. O filho herda, desde o nascimento, o nome do pai: Héctor. Esse elemento, que conecta os dois sujeitos, é enfatizado na narrativa em um episódio em que o menino está aprendendo as letras do alfabeto. Ele comenta: "[...] e depois todas, até o X e o H, que, embora fosse mudo e pouco usado, era muito importante por ser a inicial do nosso nome" (Abad Faciolince, 2011, p. 20).

A narrativa de filiação, conforme Viart e Vercier (2008, p. 88), "é mobilizada como forma de restabelecer um *continuum* familiar"⁸. Ela apresenta o indivíduo como resultado de uma cadeia de eventos e personagens – pais, mães, avós – que o antecedem. Essa herança é cultural, afetiva e geracional, sendo visível tanto na trajetória do autor quanto na do pai, protagonista da obra. Em

⁸ No original: "[...] s'emploie à rétablir une continuum familial".

A ausência que seremos, tal herança é tematizada não apenas como transmissão, mas também como crítica e ruptura. O autor revela a marca de um legado cultural específico da região rural do departamento de Antioquia, em que os gestos de afeto entre homens, especialmente entre pai e filho, eram reprimidos ou condicionados a certos códigos de comportamento "masculino".

Abad Faciolince deixa claro que não reproduziu esse modelo com sua própria família, optando conscientemente por interromper esse padrão herdado. Nesse gesto, a narrativa de filiação não apenas reconstrói o elo com o passado, mas também propõe um posicionamento ético diante dele – ao mesmo tempo que reconhece a herança recebida, inscreve-se a possibilidade de transformação.

Nem meus tios nem meu avô – que eu lembre – beijavam os filhos homens, ou só muito raramente, porque isso não era coisa que se fizesse estas duras e austeras montanhas de Antioquia, onde nem a passagem é suave. Meu avô criou meu pai sem demonstrações de carinho, "no relho e com mão dura", e meus tios fizeram o mesmo com meus primos homens (com as mulheres eram um pouco menos rispídos). Meu pai nunca se esqueceu do dia que meu avô deu dez vezes nele, com as rédeas do mesmo cavalo que o derrubara, "para aprender a montar como homem"; nem de quando o mandava buscar os animais no estábulo, no meio da noite, e trazê-los para casa, sem nenhuma necessidade, só para ele perder o medo do escuro "e fortalecer o seu caráter" (Abad Faciolince, 2011, p. 35).

Embora Abad Faciolince tenha sido educado com um estilo parental marcado por contradições, esse modelo refletia a convivência de duas ideologias bem distintas, que coexistiam em seu ambiente familiar devido às origens e histórias de vida de seus pais. Ele próprio expressa essa dualidade:

Meu pai e minha mãe eram um o oposto do outro em matéria de crenças e comportamento, mas na vida cotidiana eram complementares e muito amorosos. Havia entre os dois um contraste tão claro de atitude, caráter e formação, que para o menino que eu era essa radical diferença entre meus modelos de vida se impunha como o mais difícil dos enigmas. Ele era agnóstico; ela, quase mística. Ele odiava o dinheiro; ela, a pobreza. Ele era materialista no plano ultraterreno e espiritual no plano

material, ela deixava o espiritual para o além e no aquém perseguia os bens materiais (Abad Faciolince, 2011, p. 129).

Assim, o autor cresceu entre modelos opostos e complementares, o que lhe possibilitou o contato com um ambiente tradicionalista e religioso, que coabitava com práticas céticas voltadas ao exercício da razão – tanto no contexto familiar quanto no educacional. Isso se evidencia no seguinte trecho, que revela o tipo de formação recebida: "Ao mesmo tempo, em casa, meu pai me oferecia antidotos caseiros contra a educação escolar. Às leituras do colégio, todas impregnadas de patrística e filosofia católica, meu pai contrapunha outros livros e outras ideias muito mais convincentes" (Abad Faciolince, 2011, p. 101).

As leituras às quais se refere abrangem nomes como Voltaire, D'Alembert, Diderot, Nietzsche, Schopenhauer, Darwin, Huxley, Kant, Hume, Borges e Bertrand Russell. Por meio desse processo, pai e filho afastaram-se – de forma crítica e consciente – da herança cultural predominante na família paterna, embora ainda tivessem de conviver com ambientes fortemente influenciados pela presença e cultura da Igreja Católica.

Além disso, a herança recebida do pai se expressa de forma decisiva no campo dos afetos e da formação moral. Trata-se de uma transmissão que envolveu aprendizados sobre inibição, autorregulação e autogestão, como revela o narrador:

Eu nunca me senti bom, mas percebi que muitas vezes, graças à influência benéfica de meu pai, pude ser um mau que não pratica sua maldade, um covarde que a duras penas supera sua covardia e um avarento que domina sua avareza. [...] se não sou antissocial e suportei golpes e pesares sem deixar de ser pacífico, acho que foi simplesmente porque meu pai me amou como eu era [...] (Abad Faciolince, 2011, p. 113).

A influência do pai estendeu-se também à escolha e à perseverança no ofício de escritor, como o autor reconhece: "Acho que o único motivo que, nesses anos todos, me levou a continuar escrevendo e a publicar meus escritos foi a certeza de que meu pai, mais do que ninguém, teria gostado muito de ler estas páginas que ele

não pôde ler" (Abad Faciolince, 2011, p. 22).

Mais do que uma herança ativada pela morte do pai, o que se observa é uma herança viva, cultivada ao longo da convivência cotidiana, na forma de uma presença transformadora e estruturante. Isso ecoa as palavras de Viart e Vercier (2008, p. 89), para quem "as vontades dos ascendentes pesaram sobre o próprio trajeto existencial"⁹ – não necessariamente como carga opressora, mas como direção ética e afetiva. No caso de Abad Faciolince, trata-se de uma herança leve, interiorizada com gratidão, que se torna impulso vital para sua trajetória como escritor.

Viart e Vercier (2008) também observam que muitos relatos de filiação se reduzem a uma evocação dos últimos dias ou horas de vida do ente querido, mas essa não é a estrutura de *A ausência que seremos*. A obra não parte da morte do pai – ela caminha até ela. É uma narrativa em que o luto aparece nos primeiros meses após o assassinato de Abad Gómez, e se prolonga em saudade e homenagem, espalhadas pelos capítulos que descrevem sua personalidade, seus interesses e sua atuação pública.

O foco principal não está nos momentos finais, mas na reconstrução de cenas e experiências partilhadas durante o período de convivência entre pai e filho, salvo as poucas memórias sobre a infância do pai que lhe foram contadas. As últimas seções – "Abrir gavetas", "Chega-se a morte", "O exílio dos amigos" e "Ausência" – tratam dos eventos que cercam o assassinato e suas consequências: as conversas finais, a quebra da intimidade do pai pela necessidade de acessar seus pertences e arquivos, decisões relacionadas à segurança da família e dos amigos, e reflexões existenciais profundas que encerram a obra.

Por fim, sobre a questão da herança, Pérez (2014, p. 203) identifica na obra uma herança "imerecida", articulada aos conceitos de memória, legado e afeto. O autor percebe elementos contestatórios, suspeitos e pungentes que tensionam o fenômeno da violência na sociedade colombiana – marcando, assim, essa narrativa

de filiação como espaço de crítica, emoção e resistência.

4.2 A questão do trauma

A narrativa de filiação se caracteriza, entre outros aspectos, pela presença de eventos traumáticos que atravessam a história familiar. No caso da família Abad Faciolince, o falecimento da filha Marta – vítima de uma doença para a qual a medicina da época ainda não oferecia tratamento eficaz – teve um impacto significativo na dinâmica familiar e, particularmente, nos rumos da vida do pai, o médico Héctor Abad Gómez. O episódio desencadeou mudanças profundas em seu comportamento e intensificou seu engajamento político e ativismo social, o que viria a colocá-lo na mira de forças envolvidas no conflito armado interno colombiano durante os anos 1980.

A história de Marta é narrada na seção seis do livro, intitulada "A morte de Marta", que se inicia com a descrição de um momento de felicidade e estabilidade familiar. Marta é apresentada como uma jovem vital, talentosa e promissora. A narrativa acompanha a descoberta da doença, os esforços empreendidos para buscar tratamento dentro e fora do país, e, por fim, sua morte. O autor opta por apresentar o momento do enterro de Marta juntamente com o do próprio pai, quinze anos depois, estabelecendo assim um paralelismo simbólico entre ambas as perdas. No trecho a seguir, observa-se a forma delicada como o pai comunica a notícia aos filhos mais novos:

Desligou o carro e começou, devagar, virando-se para nos olhar nos olhos: — Tenho uma coisa muito dura e muito importante para lhes dizer. — O tom era doloroso, e meu pai fez uma pausa para engolir em seco. — Vocês têm que ser muito fortes e encarar toda a situação com calma. Olhem, é difícil até falar. A Marta está muito doente, de uma doença chamada melanoma. É um tipo de câncer na pele (Abad Faciolince, 2011, p. 176).

O episódio, que se estende por alguns meses, evidencia a luta da família e a deterioração gradual da saúde de Marta. O sentimento de impotência do pai, tanto como médico quanto como figura

⁹ No original: "[...] les volontés des ascendants ont pesé sur le propre trajet existentiel [...]".

afetiva, é retratado com grande intensidade:

Meu pai, quase a única coisa que fazia era dar morfina e mais morfina à minha irmã. Além disso, e de mimá-la, e animá-la, não podia fazer mais nada, exceto olhar como ia indo embora, dia após dia, noite após noite. [...] Meu pai estava sempre em busca de algum local onde aplicar outra injeção, e exigia uma assepsia de sala de cirurgia, em suas mãos e nas agulhas, que eram fervidas durante horas, para que as picadas não infectassem. Ainda não era o tempo das seringas descartáveis (Abad Faciolince, 2011, p. 190).

A morte de Marta é retomada na seção seguinte, "Dois enterros", e suas consequências se desdobram em "Anos de luta", seção na qual o autor apresenta as transformações que esse luto provocou no pai. Embora cada personagem da obra tenha suas próprias experiências traumáticas, o episódio da perda da filha é apresentado como um trauma coletivo, o mais determinante na história familiar.

Abad Gómez também narra como eventos anteriores – a violência vivenciada na infância, o assassinato de amigos, uma cirurgia forçada ainda na juventude, a forma como foi forçado a se aposentar da universidade – constituíram um percurso atravessado por traumas individuais e coletivos. A cena da morte de Abad Gómez é descrita com crueza e intensidade:

Quando nos aproximamos da Girardot, ao longe, vemos uma multidão de curiosos em frente à porta de uma casa, a sede do sindicato. [...] Corremos, e lá está ele, de barriga para cima, numa poça de sangue, embaixo de um lençol que vai sendo tomado por uma mancha vermelha, escura, espessa. Sei que pego na mão dele e que lhe dou um beijo no rosto e que esse rosto ainda está quente. Sei que grito e que insulto, e que minha mãe se atira aos pés dele e o abraça (Abad Faciolince, 2011, p. 283).

A presença do trauma, como assinalam Viart e Vercier (2008), é um dos pilares das narrativas de filiação. Em *A ausência que seremos*, o trauma não aparece como um evento isolado, mas como um fio condutor da memória familiar e como motor da escrita. A obra reconstrói não apenas a vida do pai, mas também os múltiplos sentidos da dor,

da perda e da persistência no percurso do filho.

4.3 A narrativa do outro

A narrativa de filiação, segundo Dominique Viart, é um substituto da autobiografia. O autor afirma que "o relato do outro – pai, mãe ou avô – é o desvio necessário para chegar a si mesmo, para se compreender nessa herança" (Viart; Vercier, 2008, p. 80)¹⁰. Em *A ausência que seremos*, Héctor Abad Faciolince recorre à figura do pai como eixo em torno do qual articula sua própria subjetividade. O autor escreve a história da vida e da morte de Héctor Abad Gómez "para dizer a verdade e declarar a injustiça" (Abad Faciolince, 2011, p. 293), mas é através dessa narrativa do outro que se desenha, em filigrana, a construção de si.

Embora a obra se dedique à trajetória do pai, a narração em primeira pessoa confere à escrita uma tonalidade autobiográfica evidente. Os primeiros seis capítulos, centrados na infância do autor, são marcados por essa perspectiva subjetiva, como revelam as passagens seguintes: "meu pai me deixava fazer tudo o que eu queria" (Abad Faciolince, 2011, p. 14); "quando voltávamos a Medellín, no final da tarde de sábado, meu pai já estava à minha espera na casa do vovô Antonio" (Abad Faciolince, 2011, p. 40).

Nos capítulos seguintes, o foco narrativo recai mais diretamente sobre a figura paterna. Em "Anos felizes", o autor descreve detalhadamente a personalidade do pai: seus gostos, ideologias, interesses e atitudes cotidianas. A seção "Um médico contra a dor e o fanatismo" revela seu compromisso profissional e humanitário. Em "Viagens ao Oriente", apresenta-se uma fase de busca espiritual e curiosidade intelectual, enquanto "Anos de luta" documenta seu engajamento político, culminando na cogitação de sua candidatura à prefeitura de Medellín.

Ainda assim, mesmo nas partes em que o pai se torna o centro da narrativa, o autor oscila entre a posição do filho que ama e admira, e a do narrador adulto que observa, interpreta e ressig-

¹⁰ No original: "Le récit de l'autre – le père, la mère ou le tel aïeul – est le détour nécessaire pour parvenir à soi, pour se comprendre dans cet héritage: le récit de filiation est un substitut de l'autobiographie".

nifica os eventos. Em muitos trechos, a narração assume um tom reflexivo, próprio de alguém que articula a memória como espaço de compreensão de si. É o que se observa, por exemplo, quando escreve: "eu amava meu pai com um amor que só voltei a sentir por meus próprios filhos" (Abad Faciolince, 2011, p. 12).

A narrativa do outro, portanto, em *A ausência que seremos* não é apenas uma homenagem ao pai, mas uma forma de inscrever o sujeito que narra na herança afetiva, ética e política que recebeu. A figura paterna torna-se o espelho no qual o autor se revê e se reinscreve, transformando a biografia do outro em ponto de partida para a narrativa de si.

4.4A integração entre o gênero do romance e o autobiográfico

Segundo Viart e Vercier (2008), a narrativa de filiação assume uma forma própria, que escapa ao modelo tradicional da autobiografia e se acomoda mal ao formato clássico do romance. Isso porque ela integra elementos de ambos os gêneros – romance e autobiografia –, compondo um tipo de escrita híbrida que, no caso de *A ausência que seremos*, é notavelmente evidente. O próprio Abad Faciolince define sua obra como uma espécie de memorial de agravos, como revela no trecho a seguir:

Se recordar é passar outra vez pelo coração, eu sempre o recordei. Não escrevi em todos esses anos por um motivo muito simples: sua recordação me comovia demais para poder escrevê-la. Nas inumeráveis vezes que o tentei, as palavras saíam úmidas, meladas de lamentável matéria lacrimosa, e sempre preferi uma escritura mais enxuta, mais controlada, mais distante. Agora se passaram duas vezes dez anos, e sou capaz de conservar a serenidade ao redigir esta espécie de memorial de agravos. A ferida continua aqui, no lugar por onde passam as recordações, porém mais que uma ferida já é uma cicatriz (Abad Faciolince, 2011, p. 294).

Em entrevista concedida à RNW em 2011, Abad relatou a dificuldade de escolher um gênero li-

terário que lhe permitisse narrar a história do pai de maneira fiel e satisfatória. Inicialmente, tentou construir a narrativa a partir da ficção, mas julgou que a história real de seu pai era mais interessante do que qualquer invenção. Também tentou escrever sob a forma de memória, sem recorrer à ficção, mas se comovia tanto que o resultado era, segundo suas próprias palavras, "sentimental, lacrimoso e *cursi*" (Abad Faciolince, 2011). Essa oscilação entre gêneros reflete o próprio processo de elaboração de uma linguagem que pudesse dar conta da complexidade da experiência vivida.

Vanegas Vázquez (2017), em estudo sobre os paratextos das traduções francesa e inglesa da obra, aponta que se trata de uma narrativa de "gênero incerto", o que é corroborado pelo próprio autor (Abad Faciolince, 2009). Para a pesquisadora, *A ausência que seremos*, de traço autobiográfico e ancorado em eventos vivenciais, "está escrito como romance" (Vanegas Vázquez, 2017, p. 98)¹¹. Ela observa que essa indefinição genérica corresponde a um "movimento de plasticidade genérica no qual se aprecia o caráter híbrido ou transversal do pacto de leitura" (Vanegas Vázquez, 2017, p. 9)¹², refletindo o modo como o autor compreende a articulação entre real, ficcional, imaginário e representado.

Por um lado, a obra não se insere plenamente no gênero do romance, já que evita o uso dominante da ficção – uma escolha intencional do autor, que buscava fidelidade aos fatos. Ainda assim, a fragilidade da memória impõe o uso de recursos ficcionais para preencher lacunas e reconstruir o vivido. Abad Faciolince afirma, na mesma entrevista, que precisou conversar com diversas pessoas para confirmar detalhes e afinar as memórias. Viart e Vercier (2008, p. 94) ressaltam que esse tipo de narrativa "constitui-se como uma pesquisa do tempo passado, escrita com a ajuda de arquivos, documentos e relatos recebidos"¹³. Tal esforço de veracidade impede que a obra se enquadre confortavelmente no molde do romance tradicional.

¹¹ No original: "El olvido que seremos, de trazo autobiográfico y anclado a sucesos vivenciales, está escrito como novela" (sublinhado nosso).

¹² No original: "Un movimiento de plasticidad genérica en el que se aprecia el carácter híbrido o transversal del pacto de lectura".

¹³ No original: "Aussi le récit sera-t-il constitué comme une fouille du temps passé, écrit à l'aide d'archives, de documents, de récits reçus".

Por outro lado, também não se trata de um texto autobiográfico em sentido estrito, uma vez que grande parte da narrativa se dedica à figura do outro – o pai, o médico Abad Gómez. Dois personagens centrais dividem o protagonismo da obra: o filho, que narra em primeira pessoa, e o pai, figura homenageada e vítima da violência denunciada. A narrativa de filiação permite que o leitor conheça as histórias de vida de ambos, sem hierarquização. Essa estrutura dual acen-tua o caráter dialógico do texto, em que o eu e o outro se interpenetram como partes de uma mesma linhagem.

A restituição do passado, nesse contexto, cum-pre uma função que é ao mesmo tempo estética, afetiva e ética. Não se trata apenas de lembrar ou de dar forma literária à dor, mas de prestar homenagem àqueles que desapareceram. Viart (2011) observa que muitas dessas narrativas ope-raram um trabalho de reconhecimento simbólico dos que foram silenciados. Em *A ausência que seremos*, essa função está claramente expressa:

O caso dele não é o único, e talvez não seja o mais triste. Há milhares e milhares de pais assassinados neste país tão fértil para a morte. Mas é um caso especial, sem dúvida; e para mim, o mais triste. Além disso, reúne e resume muitíssimas das mortes injustas que temos padecido aqui (Abad Faciolince, 2011, p. 294).

Assim, o texto não apenas documenta uma experiência familiar, mas inscreve uma dor cole-tiva. Ao reunir elementos do romance e da auto-biografia, a narrativa constrói um gênero próprio, permeado de memória, reflexão e denúncia, em que a filiação se torna tanto vínculo quanto lugar de enunciação.

A linearidade cronológica

A narrativa de filiação, conforme observam Viart e Vercier (2008, p. 81), não segue uma line-aridade cronológica restaurada: "a história não se desenrola de acordo com uma linearidade cronológica restaurada"¹⁴ e "se constitui como uma coleção à qual pesquisas e hipóteses se

adicionam"¹⁵. Esse princípio se verifica com cla-reza em *A ausência que seremos*, que se organiza como uma coleção de episódios familiares e fragmentos de memórias, articulados de forma livre, mais afetiva e reflexiva do que propriamente cronológica.

A obra não reconstrói de forma linear a vida do médico Héctor Abad Gómez. Em vez disso, o autor seleciona e encadeia episódios significativos da infância, adolescência e vida adulta do pai, que ajudam a iluminar seu caráter, suas atitudes e os valores que transmitiu. Essa fragmentação é justificada pela própria natureza da memória, como o autor reflete:

A cronologia da infância não segue uma linha reta, mas é feita de sobressaltos. A memória é um espelho opaco e estilhaçado, ou melhor, é feita de conchas intemporais de lembranças espalhadas numa praia de esquecimento. Sei que aconteceram muitas coisas naqueles anos, mas tentar recordá-las é tão desesperador como tentar lembrar um sonho, um sonho que deixou em nós uma sensação, mas nenhuma imagem, uma história sem história, vazia, da qual resta apenas um vago estado de espírito (Abad Faciolince, 2011, p. 153).

Essa reflexão esclarece a opção do autor por organizar a obra em torno de grandes blocos temáticos, que agrupam momentos significativos da infância, da vida familiar e da trajetória política do pai. As seções finais – "Chega-se a morte" e "O exílio dos amigos" – situam-se no tempo posterior ao assassinato do pai, e são compostas a partir da reconstituição do que antecedeu e sucedeu à sua morte, com base em relatos diversos, tes-temunhos e reconstruções afetivas.

Apesar de ser possível reconhecer uma certa linearidade conectada por eventos espaçados no tempo, essa estrutura é conscientemente inter-rompida em dois momentos. O primeiro ocorre na seção "Dois enterros", que articula a morte da irmã Marta com a do pai, unindo os dois lutos mais dolorosos enfrentados pela família, mesmo que, cronologicamente, a seção seguinte – "Anos de luta" – narre eventos anteriores à morte do pai. O segundo momento de quebra ocorre na seção

¹⁴ No original: "Le récit de filiation de se déploie pas selon une linéarité chronologique restituée".

¹⁵ No original: "Au recueil, s'ajoutent ainsi recherches et hypothèses".

"Abrir gavetas", que antecede "Chega-se a morte" e se dedica às ações tomadas pela família após o assassinato – como o acesso aos pertences e à correspondência do pai –, apresentadas antes da própria descrição da cena da morte.

Outro recurso que desfaz a linearidade tradicional é o uso constante de lembranças, anedotas e reflexões intercaladas à narrativa. O autor incorpora comentários, memórias fragmentadas e episódios que resgatam a história familiar de modo não sequencial, muitas vezes inserindo conversas ou cenas do passado como forma de aprofundar a compreensão sobre determinada personagem. Esse procedimento aproxima o texto do registro oral, em que as narrativas se constroem por associação espontânea, com digressões e retomadas que enriquecem o sentido do que está sendo contado.

Assim, a não linearidade em *A ausência que seremos* é uma estratégia discursiva que responde à própria natureza fragmentária da memória e da experiência do luto. A construção narrativa, nesse caso, respeita o ritmo interno da lembrança, revelando-se mais fiel à verdade emocional do que a uma cronologia rígida dos fatos.

4.5 A língua usada

A questão da língua é um elemento-chave na narrativa de filiação. Segundo Viart e Vercier, o escritor realiza uma escolha consciente da linguagem como forma de "manter-se fiel ao universo familiar" (2008, p. 81)¹⁶, evitando distorcer a essência da realidade por meio de um estilo artificial ou literariamente rebuscado. Essa escolha linguística revela, também, o projeto de "saber quem somos questionando o que herdamos" (Viart; Vercier, 2008, p. 82)¹⁷.

Em *A ausência que seremos*, Héctor Abad Faciolince adota uma linguagem marcada por delicadeza, afeto e descrição sensível. O estilo suave e envolvente aproxima o leitor dos ambientes familiar e profissional retratados, estabelecendo uma relação de intimidade e empatia tanto

com o pai, Héctor Abad Gómez, quanto com o narrador-filho. O uso de registros de conversação é uma estratégia recorrente que convida o leitor a ocupar o lugar das personagens, como no diálogo entre ele quando era uma criança e uma religiosa:

Era uma manhã clara e estávamos no quintal, ao sol, olhando os beija-flores fazerem sua ronda. De repente a irmã disse:

– Seu pai vai para o Inferno.

– Por quê? – perguntei

– Porque ele não vai à missa.

– E eu?

– Você vai para o Céu, porque toda noite reza comigo.

[...]

– Não vou mais rezar

– Ah, não? – repreendeu-me.

– Não. Não quero mais ir para o Céu. Não gosto do Céu sem meu pai. Prefiro ir com ele para o Inferno (Abad Faciolince, 2011, p. 12).

Esse recurso confere verossimilhança e profundidade emocional à narrativa, ao mesmo tempo que remete o leitor a suas próprias memórias familiares, promovendo um reconhecimento afetivo.

A escrita em primeira pessoa reforça o caráter testemunhal do texto. Ao assumir a autoria da fala e a responsabilidade pelo relato, o autor projeta uma voz amadurecida, que se expressa a partir da experiência e da reflexão. Ele se apresenta como alguém que, consciente da dor e do desafio de narrar, engaja-se na escrita como gesto de memória e elaboração:

Escrevo isto em La Inés, a fazenda que meu pai nos deixou, que meu avô lhe deixou, que minha bisavó lhe deixou, que meu tataravô construiu derrubando mato com as próprias mãos. Puxo essas lembranças de dentro de mim como num parto, como quem tira um tumor. Não olho para o monitor, respiro fundo e olho para fora (Abad Faciolince, 2011, p. 292).

Como observa Santos (2020, p. 35), há um crescimento da produção contemporânea alinhada às características da narrativa de filiação. Em sua

¹⁶ No original: "Enfin ce type de texte pose la question de la langue, non seulement par fidélité à l'univers familial - l'écriture <<plate>> -, mais aussi, pour Ernaux, par souci de ne pas faire de l'art avec ce qui n'en est pas" (sublinhado nosso).

¹⁷ No original: "L...] savoir qui on est em interrogeant ce dont on hérite".

análise da obra *Em nome dos pais*, de Matheus Leitão, Santos (2020, p. 43-46) destaca elementos que também se aplicam à obra de Abad: uma herança traumática transmitida por vínculos intergeracionais, o diálogo entre o individual e o coletivo, a inevitável presença de traços ficcionais, uma temporalidade que busca respeitar uma lógica emocional mais do que cronológica. *A ausência que seremos*, assim, inscreve-se nesse campo de produções que compõem a narrativa de filiação na América Latina contemporânea.

Considerações finais

A narrativa de filiação é um tipo de discurso que reconstrói e entrelaça fragmentos de histórias de vida por meio da exploração de vínculos familiares situados em contextos históricos, políticos e afetivos específicos. *A ausência que seremos* é uma narrativa de filiação que evidencia uma das muitas formas pelas quais a violência afetou profundamente as famílias colombianas. A obra permite compreender como tais acontecimentos incidem sobre a percepção individual da própria vida e sobre a experiência coletiva, compartilhada por aqueles que vivem os efeitos da violência.

Neste artigo, analisou-se a obra de Héctor Abad Faciolince à luz do conceito de "narrativa de filiação" tal como formulado por Dominique Viart. Foram discutidos os principais traços que caracterizam esse tipo de narrativa: a questão da herança, o trauma, a narrativa do outro, a integração entre o gênero do romance e o autobiográfico, a ruptura da linearidade cronológica e a escolha da língua. Em cada uma dessas dimensões, observou-se como o autor colombiano constrói uma escrita marcada por um forte compromisso afetivo, ético e político, na qual a vida do pai assassinado se entrelaça à sua própria trajetória como filho, escritor e cidadão. A obra evidencia, assim, um trabalho de memória que ultrapassa o testemunho individual para inscrever-se em uma herança coletiva, representando outras tantas mortes silenciadas pela violência política do país.

O conflito armado interno colombiano permanece como um tema central na agenda política

nacional e um terreno fértil para produções literárias. A persistência do tema revela o quanto as marcas do passado continuam a influenciar o presente. Outras narrativas de filiação têm emergido nesse cenário, como *El libro del duelo*, de Ricardo Silva Romero (2023), que retrata a história de um pai que tenta evangelizar simbolicamente seu filho assassinado durante os anos da pandemia de Covid-19, em mais um capítulo da violência política no país. Essas novas formas narrativas revelam que, mesmo com a evolução dos mecanismos de opressão e resistência, a literatura continua a desempenhar um papel vital na reconstrução da memória e na transmissão ética dos legados familiares.

Referências

ABAD FACIOLINCE, H. A. *A Ausência que seremos*. Tradução Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ABAD FACIOLINCE, H. A. La verdadera "La Oculta". *SOHO*, [s. l.], 2015. Artículo. Disponível em: <https://www.soho.co/historias/articulo/la-oculta-del-escritor-hector-abad-faciolince-la-verdadera-finca/37691/>. Acesso em: 8 abr. 2025

ABAD FACIOLINCE, H. A. *Traiciones de la memoria*. Bogotá: Alfaguara, 2009.

BLAIR, E. *Muertes violentas, la teatralización del exceso*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2005.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *La reproducción*. Elementos para una teoría del sistema de la enseñanza. Barcelona: Editorial Laia, 1977.

CASTRO-GÓMEZ, S. *La Hybris del Punto Cero: ciencia, raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. 2. ed. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt15hvx8r>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ESCOBAR, A. *Ensayos y aproximaciones a la otra literatura colombiana*. Bogotá: Universidad Central, 1997.

FOUCAULT, M. *La arqueología del saber*. 6. ed. Traducción de Aurelio Garzón del Camino. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 1979.

GIRALDO, L. M. La literatura como memoria: la violencia tantas veces contada. *Taller de letras*, [s. l.], n. 63, p. 147-165, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343940438_La_literatura_como_memoria_la_violencia_tantas_veces_contada. Acesso em: 19 abr. 2025.

MARTÍNEZ-PINZÓN, F.; URIARTE J. (ed.). *Entre el humo y la niebla: guerra y cultura en América Latina*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2016.

OSPINA, W. *Esos extraños prófugos de Occidente*. Bogotá: Norma, 1994.

PÉREZ, S. A. P. La herencia inmerecida en el olvido que seremos de Héctor Abad Faciolince. *Núcleo*, [s. l.], v. 31, p. 203-225, 2014. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97842014000100008. Acesso em: 19 abr. 2025.

PUERTA-MOLINA, A. A. La literatura como forma de elaboración. Análisis de El olvido que seremos, de Héctor Abad Faciolince. *Anales de Literatura Hispanoamericana*, [s. l.], v. 51, p. 277-286, 2022. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/view/85141>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RADIO NEDERLAND WERELDOMROEP – RNW. Héctor Abad: el olvido que seremos en el recuerdo que somos. *Entrevista*. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNhUmmwk7jo>. Acesso em: 8 abr. 2025.

RENGIFO, C. A. A. El sicariato en la literatura colombiana: Aproximación desde algunas novelas. *Cuadernos de postgrado*, Cali, n. 2, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/20235755/El_sicariato_en_la_literatura_colombiana_Aproximaci%C3%B3n_desde_algunas_novelas. Acesso em: 8 abr. 2025.

ROBIN, R. *A memória saturada*. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Unicamp, 2016.

SÁNCHEZ G.; MEERTENS D. *Bandoleros, gamonales y campesinos: el caso de la violencia en Colombia*. Bogotá: El Áncora Editores, 1983.

SANTOS, B. Y. A. Em nome dos pais: a narrativa de filiação na literatura brasileira contemporânea. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 33-50, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346792941_EM_NOME_DOS_PAIS_A_NARRATIVA_DE_FILIACAO_NA_LITERATURA_BRASILEIRA_CONTEMPORANEA. Acesso em: 17 abr. 2025.

SILVA ROMERO, R. *El libro del duelo*. Bogotá: Alaguara, 2023.

VANEGAS VÁSQUEZ, O. K. Lecturas del "yo escritor" en El olvido que seremos y Traiciones de la memoria, de Héctor Abad Faciolince. *Visitas al Patio*, [s. l.], n. 9, p. 95-105, 2017. DOI: 10.32997/2027-0585-vol.0-num.9-2015-1750. Disponível em: <https://revistas.unicartagena.edu.co/index.php/visitasalpatio/article/view/1750>. Acesso em: 17 mar. 2025.

VIART, D. Le scrupule du roman. *Vacarme*, Paris, n. 54, p. 26-28, 2011.

VIART, D.; VERCIER, B. *La littérature française au présent*. Héritage, modernité, mutations. 2. éd. Paris: Boras, 2008.

Dayan Ariadna Guzmán Bejarano

Professora e pesquisadora na Universidad Libre (Bogotá, Colômbia). Licenciada em Educação Básica com ênfase em Humanidades e Idiomas (Universidad Libre, Colômbia). Mestre em Educação (Universidad Libre, Colômbia), didática de Línguas Estrangeiras com ênfase em Francês LE e L2 (Université de Poitiers, França) e Educação Inclusiva e Intercultural (Universidad El Bosque, Colômbia). Discente do Doutorado em Letras: Linguagens e Representações (Linha B Estudos Linguísticos) e pesquisadora atuante no grupo GEPEL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem de Línguas) da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Brasil. Autora do livro *A Competência oral e as habilidades do pensamento: proposta didática para a aprendizagem do francês como língua estrangeira na formação inicial*.

Yuri Andrei Batista Santos

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil, e em Sciences du Langage pela Université Paris Cité, França (2023). Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Colidera o Laboratório de Auto-bio-grafismo, Cartografia e Memória (UESC-CNPQ).

Endereço para correspondência

DAYAN ARIADNA GUZMÁN BEJARANO

Endereço institucional: Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – Campus Soane Nazaré de Andrade
Rod. Jorge Amado, Km 16 /Salobrinho, 45662-900
Ilhéus, Bahia, Brasil

YURI ANDREI BATISTA SANTOS

Endereço institucional: Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – Campus Soane Nazaré de Andrade
Rod. Jorge Amado, Km 16 /Salobrinho, 45662-900
Ilhéus, Bahia, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.